

A PRESENÇA DE OBRAS LITERÁRIAS E HISTÓRICAS DE GIUSEPPE FANCIULLI (1922 – 1938) ENTRE ITÁLIA, BRASIL E ARGENTINA

A PRESENÇA DE OBRAS LITERÁRIAS E HISTÓRICAS DE GIUSEPPE FANCIULLI (1922 – 1938) ENTRE ITÁLIA, BRASIL E ARGENTINA

Terciane Ângela Luchese¹

<https://orcid.org/0000-0002-6608-9728>

Paula Alejandra Serrao²

<https://orcid.org/0000-0001-9446-8760>

Resumo:

Escolas com marcas étnicas pelo idioma, saberes e modo de operar se proliferaram tanto no Brasil como na Argentina no fim do século XIX e início do XX, período que coincide com numerosas e sucessivas migrações internacionais. No caso do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul (RS), há o estabelecimento de escolas em pequenas propriedades nas colônias criadas para esse fim, havendo um predomínio das migrações italianas. Na Argentina, em especial em Buenos Aires, as escolas italianas também marcaram presença. Essas escolas foram inspecionadas por cônsules ligados ao Ministério das Relações Exteriores desde 1870. Diante disso, neste artigo, o objetivo é compreender políticas, produção, circulação e distribuição de livros escolares fabricados durante o fascismo para as escolas italianas no exterior, atentando para aqueles que circularam no Brasil e na Argentina, com um recorte analítico para o Rio Grande do Sul e Buenos Aires. Analisamos o período entre 1922 e 1938, com especial atenção aos livros produzidos por Giuseppe Fanciulli. O referido autor e jornalista foi uma referência para a literatura infantojuvenil do período na Itália. A partir da História da Educação e da História Cultural, foi realizada a análise documental histórica de leis, correspondências, relatórios de cônsules, fotografias, livros escolares escritos por Fanciulli e jornais. A rede consular era responsável pela recepção e distribuição de materiais escolares (predominantemente livros) e por fornecer subsídios financeiros aos professores, ou seja, esses subsídios eram enviados da Itália para países como Brasil e Argentina. Com o fascismo, intensificou-se a organização e a atenção às escolas por parte da Itália, bem como o envio de livros, sendo as obras de Fanciulli um destaque. No Brasil e na Argentina os livros de Fanciulli produziram poucos efeitos.

Palavras-chave: Livros escolares. Fascismo. Escolas italianas. Giuseppe Fanciulli.

Abstract:

Schools with ethnic characteristics in terms of language, knowledge, and the way they operated proliferated in Brazil in the late 19th and early 20th centuries, a period that coincided with

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul/Brasil. Pesquisadora PQ 1D do CNPq.

² Pesquisadora e docente de História da Pedagogia na Universidade de Turim, Itália.

numerous and successive international migrations that settled, in the case of Rio Grande do Sul, especially on small properties in the colonies created for this purpose. In Argentina, especially in Buenos Aires, Italian schools were also present. Italian schools have been inspected by consuls attached to the Ministry of Foreign Affairs since 1870. The aim of this article is to understand the policies, production, circulation, and distribution of textbooks produced during fascism for Italian schools abroad, focusing on those that circulated in Brazil and Argentina, with an analytical focus on Rio Grande do Sul and Buenos Aires. We analyzed the period between 1922 and 1938 with special attention to the books produced by Giuseppe Fanciulli. This author and journalist was a benchmark for children's literature in the period. History of Education and Cultural History were used to analyze historical documents such as laws, correspondence, consul reports, photographs, and school books written by Fanciulli and newspapers. The consular network was responsible for receiving and distributing school materials (predominantly books) and financial subsidies for teachers, from Italy to countries such as Brazil and Argentina. With fascism, Italy intensified its organization and attention to schools, as well as sending books, with Fanciulli's works being a highlight. In Brazil and Argentina, Fanciulli's books had little effect.

Keywords: Schoolbooks. Fascism. Italian schools. Giuseppe Fanciulli.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Il fascio di Porto Alegre ha per scopo intensificare le buone relazioni di amicizia tra il Brasile e l’ Italia, interessandosi anche della parte commerciale e culturale di queste due nazioni. [...] fu nominato Fiduciario del Fascio di Porto Alegre il prof. Giuseppe Corsi [...]” (Stafetta Riograndense, 29/09/1926, p. 02).

A fundação do *fascio all estero* em Porto Alegre, no Brasil, em 1926 – como noticiado no jornal Stafetta Riograndense, conforme epígrafe – foi uma dentre diversas outras iniciativas que buscaram colocar em diálogo e aproximar – em especial os descendentes dos emigrados da península itálica e estabelecidos no Brasil e em toda a América - com as novas políticas emanadas pela Itália fascista. Envio de folhetos, livros, exibição de filmes, conferências, festividades, fundação do Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura no Brasil, financiamento de viagens de jornalistas para conhecer os ‘feitos da Itália fascista’ são alguns dos propagadores culturais elencados por Bertanha (2001) na difusão do fascismo para além da península itálica. Na Argentina, diversas iniciativas também tomaram corpo, em especial as de cunho educativo-cultural. A produção, o envio e a distribuição de livros foi uma das estratégias adotadas para a propagação do fascismo, com destaque para as obras de autoria de Giuseppe Fanciulli.

Conforme pesquisas (Luchese, 2014; 2015; Barausse e Luchese 2018; Luchese, Barausse, Sani e Ascenzi, 2021), as escolas com marcas étnicas pelo idioma, saberes e modo de operação se proliferaram, em especial, no Brasil e na Argentina, no fim do século XIX e início do XX, período que coincide com numerosas e sucessivas migrações internacionais. No território brasileiro, em especial no Rio Grande do Sul (RS), houve o estabelecimento em pequenas propriedades nas colônias criadas para esse fim, principalmente de migrantes italianos. Já no país vizinho, na Argentina, as migrações de italianos tiveram cifras muito significativas e as escolas italianas também marcaram presença, inclusive na capital, Buenos Aires. As escolas italianas foram

inspeccionadas, em ambos os países, por cônsules ligados ao Ministério das Relações Exteriores da Itália, desde 1870, e as políticas italianas para essas escolas contaram com posicionamentos e legislações distintas. O governo italiano “trabalhava nas fronteiras da política, confiando na cultura e na religião para que os emigrantes se tornassem ou continuassem italianos” (Choate, 2023, p. 167).

Diante disso, este estudo objetiva compreender aspectos das políticas, produção, circulação e distribuição de livros escolares fabricados durante o fascismo para as escolas italianas no exterior, atentando para aqueles que circularam no Brasil e na Argentina, com um recorte analítico para dois contextos: Rio Grande do Sul e Buenos Aires. Quanto ao recorte temporal, analisamos o período entre 1922 e 1938, com especial atenção aos livros produzidos por Giuseppe Fanciulli, autor e jornalista referência para a literatura infantojuvenil do período, tendo produzido livros escolares e literários. Na época, a rede consular italiana era responsável pela recepção e distribuição de materiais escolares (predominantemente livros) e por fomentar subsídios financeiros aos professores. Esses subsídios eram enviados da Itália para países como Brasil e Argentina. Com o fascismo, intensificou-se a organização e a atenção às escolas por parte da Itália, bem como ao envio de livros, com especial destaque para as obras de Fanciulli, as quais incorporaram e reproduziram em suas páginas diversos ideais do fascismo.

A partir de referenciais entrecruzados da História da Educação e da História Cultural, pensamos o livro como artefato cultural, como “un producto fabricado, difundido y consumido” (Chopin, 2000, p. 110) que, no fim da década de 1920, na Itália, ganhou contornos claramente fascizantes. Assim, metodologicamente, foi realizada a análise documental histórica de leis, correspondências, relatórios de cônsules, fotografias, livros escolares escritos por Fanciulli e jornais, buscando perscrutar as políticas italianas no período fascista para as escolas italianas no exterior e a produção/distribuição de livros e suas ressonâncias no contexto brasileiro e argentino, especialmente no Rio Grande do Sul e em Buenos Aires.

O artigo está organizado em dois movimentos analíticos: no primeiro, discorre-se sobre as estratégias de disseminação do fascismo no exterior, em especial no Brasil e na Argentina, por meio de práticas culturais como produção e distribuição de livros de Giuseppe Fanciulli; no segundo, olha-se para as repercussões da distribuição dos livros na Argentina e no Brasil em espaços escolares e para além deles.

O FASCISMO ENTRE LIVROS E AUTORES: O CASO DE GIUSEPPE FANCIULLI

Como país de unificação tardia, para o governo italiano, a constituição de uma identidade ‘italiana’ acima dos processos de identificação regionais era um dos principais objetivos da educação no exterior. O sentimento de pertença, em que “ensinar e educar eram instrumentos para grandiosos projetos políticos” (Choate, 2023, p. 169), tinha centralidade. Assim: “Os emigrantes iriam se unir através da cultura, da religião e da economia, não como fugitivos, mas heróis; não

em uma diáspora ou ‘dispersos’, mas como uma comunidade global criada conscientemente, sob o guarda-chuva do Estado Italiano” (Choate, 2023, p. 106). Para tal feito, mesmo que com contradições internas, o Ministério das Relações Exteriores da Itália, a partir de 1870, para além de acompanhar e monitorar a saída e o estabelecimento de milhares de imigrantes que seguiram em direção à América e outros continentes, constituiu uma rede de representantes – agentes consulares, cônsules e embaixadas. Esses representantes eram os responsáveis por inspecionar e estimular a criação de escolas, bem como fornecer livros e subsídios para a manutenção das escolas, bem como para o pagamento de professores.

Conforme Choate (2023), as remessas de livros doados e de propaganda eram divididos em três: (I) livros para a educação primária, como cartilhas e aritméticas simples, bem como de ciências físicas e naturais, agricultura e higiene; (II) livros selecionados com o intuito de difundir o sentimento pátrio, que tratavam da história romana ou manuais geográficos; (III) livros que retratavam temas de viagens e aventuras. Dicionários e obras de literatura clássica, como de Dante e de Petrarca, também foram enviados. A partir do final da década de 1920, os livros passam a ser produzidos com o intuito de exaltar os feitos e realizações do regime fascista³, disseminar representações de valores e de modelos sobre a pátria Itália e seu passado, incentivar comportamentos dos ‘italianos no exterior’ como parte da estirpe que descendia dos ‘romanos’ e que, portanto, deveria ter respeito às autoridades, dedicar-se ao trabalho, perseverar o sentimento de família e de virtudes do ‘novo homem’, como afirmam Ascenzi e Sani (2005).

Como mencionado por Luchese (2019), a propaganda do Fascismo junto aos imigrantes e descendentes, especialmente pelos italianos imigrados após a Primeira Grande Guerra, ocorreu; e eles, em parceria com os cônsules, lideraram a fundação de jornais⁴, a organização de festividades e celebrações, os programas de rádio, os *fascios*⁵, os *dopolavoro*⁶, a abertura (ou reorganização) de escolas, o oferecimento de cursos de língua e cultura italiana, os espetáculos teatrais e musicais, enfim, todo um aparato que, como afirma Trento (1989), buscou sensibilizar os ‘italianos no exterior’ quanto à sua pertença mesmo longe.

No caso do Brasil, muitas das cerimônias e atividades coletivas em promoção do fascismo contaram com a presença de simpatizantes brasileiros, já que, “salvo raras exceções, a classe política brasileira foi bastante indulgente em relação ao regime” (Trento, 1989, p. 305). Assim, ao olhar para a produção e circulação de livros enviados para o Brasil e que tinham intuito de difundir e conformar um ideal de ‘italiano no exterior’, de educá-lo para o trabalho e para a religiosidade, que eram as palavras de ordem da italianidade, diretamente relacionada com o Fascismo. Desse

³ A obra Mussolini, a biografia definitiva de Bosworth (2023) além de situar como menciona o próprio título, a biografia de Mussolini, contextualiza a sociedade italiana em múltiplas dimensões no período.

⁴ Como exemplo, observe-se que o cônsul de Porto Alegre, Mario Carli, fundou o jornal *La Nuova Italia*; e o imigrante tutelado e engenheiro agrônomo, Adolfo Randazo, fundou em Caxias o *Il Giornale dell'Agricoltura*.

⁵ *Fasci all'estero*: grupos que lideravam a organização da propaganda e difusão da ideologia fascista nas comunidades italianas do exterior, tentando cooptá-las. Desenvolviavam, também, atividades assistenciais, culturais, cerimônias de defesa da italianidade e do fascismo (Franzina; Sanfilippo, 2003).

⁶ *Dopolavoro all'estero* eram associações voltadas aos operários que, no exterior, converteram-se em “meio muito eficaz de aproximar, via recreação, esporte e cultura, os italianos do exterior ao fascismo” (Bertonha, 2001, p. 46).

modo, o conjunto das obras de Giuseppe Fanciulli merecem destaque, seja pela diversidade de títulos e por representar bem os sentidos do fascismo em suas páginas.

Montino (2009), em seu estudo sobre Giuseppe Fanciulli, considera-o como um autor que foi rapidamente esquecido. Mas um autor que se dedicou intensamente à literatura infantojuvenil, em tons “serenos e doces”, produtor de uma vasta obra comprometida “com uma ideologia nacionalista para a qual havia ofertado sem reservas a sua caneta, ligando-se posteriormente ao fascismo”; e, por meio dessa adesão, passando a compor o conjunto de intelectuais que “magnificaram o regime e o seu Duce, e que aderiram, para além da ideologia, à ideia conservadora de Pátria que o nacionalismo havia fortificado a partir da Grande Guerra” (Montino, 2009, p. IX). No caso específico de Fanciulli, sua fé católica permeou grande parte de suas atividades, seja como escritor, seja como jornalista (Luchese, 2019). Pátria e Fé foram alicerces centrais de seu pensamento intelectual (Montino, 2009).

Giuseppe Gaetano Giulio Fanciulli⁷ nasceu em 8 de março de 1881, em Firenze, na Itália. Era filho de Giovanni Fanciulli e Enrichetta Guidotti. Foi casado com Marialù Cadeddu e faleceu em 16 de agosto de 1951, aos setenta anos, em Castelveccania, província de Varese. Em 1906, aos 25 anos, graduou-se em Filosofia, no Régio Instituto de Estudos Superiores Práticos e de Aperfeiçoamento, e, no mesmo ano, graduou-se em Direito. Em 1909, obteve atestado para docência pela Universidade Popular de Firenze. Estudioso de Psicologia, em 1929, livre docente em Psicologia pela Universidade de Firenze e Milão (Montino, 2009). Publicou artigos e obras com temas vinculados à vida emocional da infância. Quanto à carreira de jornalista, iniciou-a em 1906, atuando em vários jornais e com diferentes funções (correspondente, redator, diretor, colaborador...). Esteve ao longo da vida ligado à atividade jornalística. A participação de Fanciulli e sua experiência no *Giornalino della Domenica*, dirigido por Luigi Bertelli, conhecido como *Vamba*, foi decisiva e marcante, dado que o trabalho jornalístico era voltado à infância. Isso, consoante Montino (2009), com o trabalho jornalístico para a infância foi o que o levou à literatura infantil.

Giancane (1994) considera o conjunto da obra de Fanciulli (mais de 150 livros) uma das maiores contribuições para a literatura infantil italiana. Em direção próxima, Montino (2009, p. XIV) avalia que Fanciulli foi “uma das vozes mais difundidas e penetrantes da vocação pedagógica da literatura para as crianças na primeira metade do novecentos”. No conjunto, a obra de Fanciulli foi elaborada em torno de valores da nação, do interclassismo, do paternalismo, dos bons sentimentos e de uma visão de mundo urbana e burguesa (Montino, 2009). Sob esse viés, tem-se que a “vasta obra pedagógica posta a serviço de uma certa ideia de italianidade, e primeiro ainda de uma certa necessidade novecentista de educar as massas, de disciplinar a partir da infância, onde a literatura infanto-juvenil foi um dos dispositivos mais potentes e eficazes” (Montino (2009, p. XV).

⁷ Ver mais em Giuseppe Fanciulli – nota biográfica na Enciclopédia Treccani. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-fanciulli_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-fanciulli_(Dizionario-Biografico)/). Acesso em: 02/04/24.

Diversos livros de Fanciulli foram enviados à América, em especial para o Brasil e para a Argentina. Alguns com o intuito de subsidiar o trabalho nas escolas italianas; outros, para integrarem as bibliotecas e salas de leitura; outros, ainda, com o intuito de subsidiar o trabalho dos professores e sua autoformação. Os livros impressos – em especial no fim dos anos de 1920 e na década de 1930 – além de serem obras editoriais coloridas, com qualidade de papel superior – estampam, em suas páginas, os ideais que se desejava difundir no período. A Figura 1 apresenta algumas das capas dos livros de Fanciulli.

Figura 1 – Alguns livros de Fanciulli publicados no período fascista



Fonte: reprodução da autora a partir do acervo de Centro de Documentazione e Storia dello Libro Scolastico e della Letteratura per l'Infanzia, UniMC.

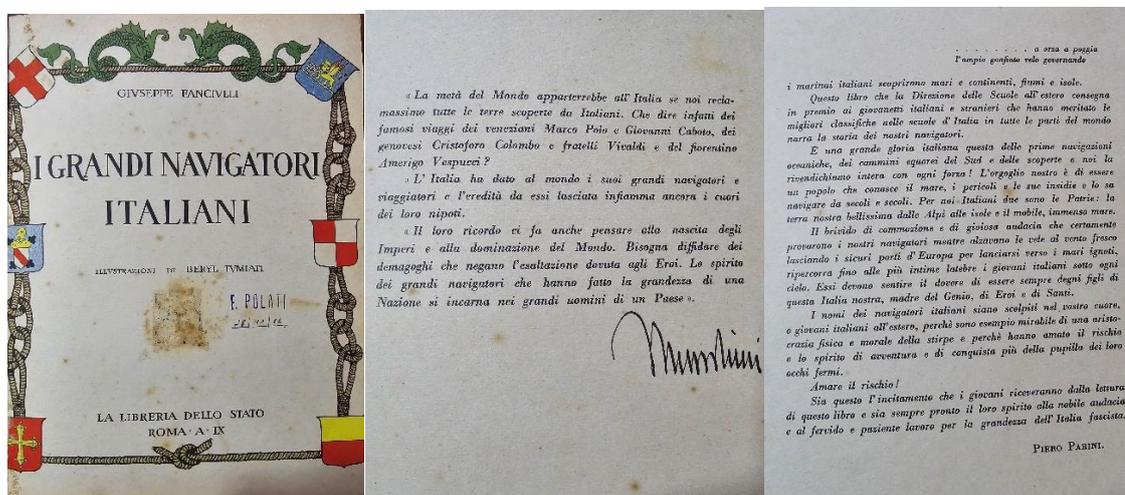
A imagem A é a capa do livro *I nostri ragazzi*, de Fanciulli (1937), foi um livro publicado em 1937 e apresenta um conjunto de orientações relativas ao desenvolvimento infantil, a importância do cuidado e do processo educativo. Já na imagem B, vê-se a capa da obra *Glorie d'Italia* (1929), na qual Fanciulli narra a história da Itália, com diversos momentos de edificação patriótica. Uma breve apresentação é escrita por Piero Parini, fervoroso fascista que, no ano da publicação desse livro, era secretário dos *Fascios all Estero* e, também, em seguida, assumiu a Direção Geral dos Italianos e Escolas no Exterior. Para Parini, o livro de Fanciulli “conta a história milenar e exalta os nomes que honraram com suas empresas famosas, com as armas, a ciência, a coragem aventureira, as belas artes e a indomável fé religiosa” e conclui afirmando “a Itália viverá eternamente e ainda dominará” (Parini, In Fanciulli, 1929, s/p). *Glorie d'Italia* foi ilustrado com xilogravuras por Marini Melis. Já a imagem C mostra a estampa do livro *Fedeltà*, um romance para rapazes ilustrado por Roberto Lemmi. Outras obras de Fanciulli foram difundidas no exterior e chamam atenção pelo conteúdo patriótico e alinhado ao proposto para o período fascista italiano. No catálogo de 1935 da Editora Bemporad, intitulado *Edizioni per la Gioventù*, as obras de Fanciulli – publicadas por essa editora – ocupam 3 páginas. A difusão de suas outras obras também estava presente nas contracapas de seus livros encontradas no contexto brasileiro.

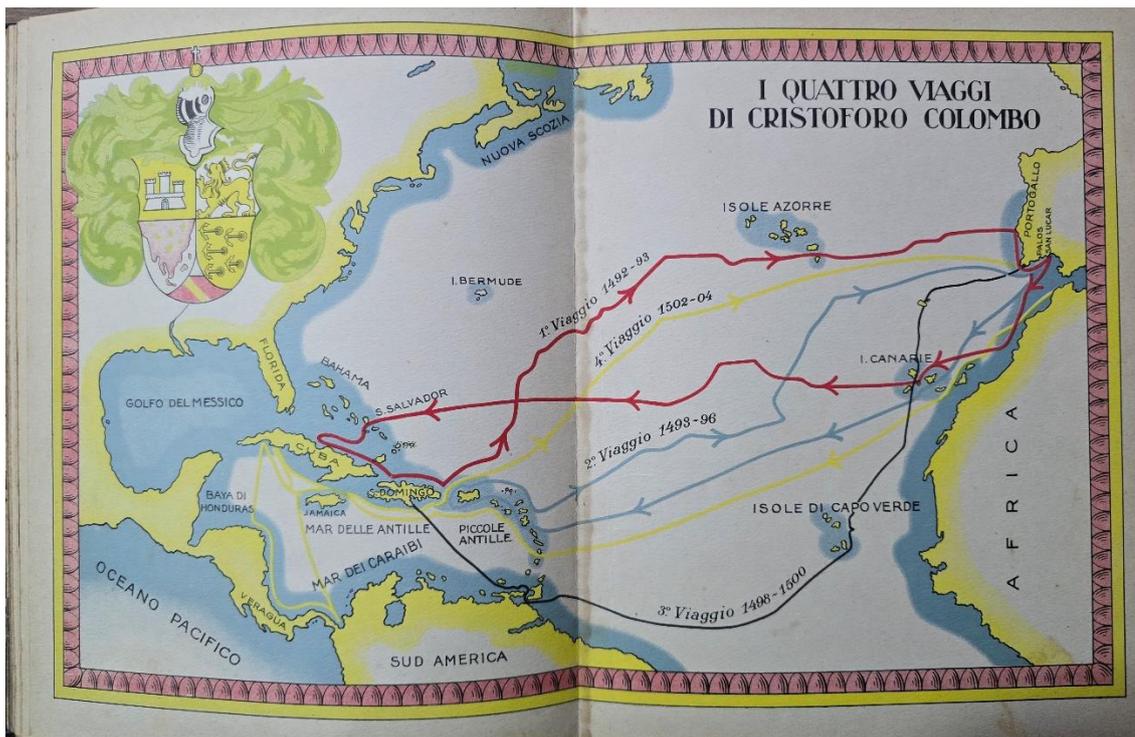
Em sua intensa e extensa produção, Fanciulli usou pseudônimos como Chichibio e foi conhecido como Maestro Sapone. Ele publicou diversos livros de História, de leitura, de testes, de ensino religioso, todos aprovados pelas comissões de avaliação de livros para as escolas italianas da Itália e no exterior. Para fins de compreensão, cabe, ainda, mencionar outras três obras que foram localizadas no Rio Grande do Sul e que ocuparam contextos diferentes em sua distribuição. A obra *I grandi navigatori italiani* (1931) foi impressa em tamanho grande, com 21 cm de largura e 28 cm de altura, 130 páginas, inúmeras ilustrações e mapas em seu interior. Impressa na Libreria dello Stato, em Roma, contava com ilustrações de Beryl Tumiatì.

Nas primeiras páginas do livro, constavam mensagens de Mussolini e de Piero Parini. Mussolini destaca o valor dos navegadores italianos em diferentes tempos e suas ‘descobertas’, ressaltando a hereditariedade e a ideia de uma grande nação fora da península itálica, formada pelos descendentes que vivem no exterior. Parini, por sua vez, explica que a obra era destinada a agraciar como prêmio os estudantes italianos e estrangeiros que obtivessem as melhores classificações escolares. Obra produzida sob a Direção das Escolas Italianas no Exterior, como mencionado por Parini, buscava exaltar, pela narrativa das navegações oceânicas, o espírito conquistador, o risco, a aventura, a conquista e o “paciente trabalho para a grandeza da Itália fascista” (Parini, in Fanciulli, 1931, p. 2).

Na Figura 2, apresentamos a segunda capa do exemplar analisado (em que consta um carimbo de F. Polati, de 28/12/1936), a abertura com as palavras de Mussolini e Piero Parini e dois exemplos das ilustrações do seu interior, incluindo o mapa das viagens de Cristóvão Colombo.

Figura 2 – Obra *I grandi navigatori italiani*, de Giuseppe Fanciulli (1931)





Fonte: reproduzido de Fanciulli (1931).

Uma obra produzida para agradar e chamar atenção com inúmeras ilustrações, os textos foram diagramados num entremeio com diversas imagens. Mapas e algumas ilustrações bem coloridas ocupam duas páginas. Em onze capítulos relativamente curtos, o mar, as viagens de navegadores de diferentes tempos, de Marco Polo a Américo Vespuccio e outros, são narradas. Os

objetivos de exaltar, relacionar e difundir o pertencimento à grande Itália são renovados sob a ótica das navegações e conquistas de novas terras e povos. Essa e várias outras obras de Fanciulli foram enviadas da Itália para o Brasil e para a Argentina, bem como outros países que contavam com presença de emigrados. No entanto, o sonho de difundir e ampliar os vínculos entre os descendentes, a despeito das muitas iniciativas fascistas, inclusive com o envio de livros, pouco efeito desencadeou.

A CIRCULAÇÃO DA OBRA DE FANCIULLI EM BUENOS AIRES E NO RIO GRANDE DO SUL (RS)

A constituição das escolas italianas, em Buenos Aires, remontam à segunda metade do século XIX, quando, em um contexto migratório acentuado (Devoto, 2006), algumas Associações Italianas de Auxílio Mútuo (AIAM)⁸ entraram no campo escolar, fundando escolas primárias para os filhos e filhas de seus membros. Embora enraizadas nas iniciativas educacionais das AIAMs no Norte da Itália (Gera, 2000), essas escolas estavam intimamente ligadas a dois elementos específicos da realidade de Buenos Aires: por um lado, a falta de escolas públicas argentinas (Favero, 1984), que, mesmo em 1881, acomodavam apenas cerca de 15% da população em idade escolar (Zorrilla, 1888, p. 435); por outro, o projeto dos líderes da AIAM de liderar a massa de migrantes, transformando-a em uma ‘colônia italiana’ homogênea que conseguiria superar suas profundas diferenças culturais, linguísticas e regionais (Devoto, 1989). Nesse sentido, as escolas italianas provaram ser um instrumento fundamental não apenas para alfabetizar a comunidade, mas também para transmitir a língua e a cultura italianas (ou uma reinterpretação delas) às novas gerações. De fato, as escolas tendiam a seguir os currículos da Itália e somente no início da década de 1880 incorporaram conteúdos relacionados à Argentina, como espanhol, história e geografia argentina⁹.

No início da década de 1880, as escolas italianas atingiam quase 10% da população escolar na cidade de Buenos Aires. No entanto, nas décadas seguintes, essa porcentagem diminuiu para menos de 2% devido a vários fatores inter-relacionados, como a perda de membros das AIAMs¹⁰, a ampla difusão da escola pública argentina (Bertoni, 2001; Marengo, 1991), o rápido processo de integração dos italianos em Buenos Aires¹¹ e a diminuição dos fluxos migratórios produzido pela eclosão da Grande Guerra.

⁸ Sobre a história da AIAM cf. (Baily; Scarly, 1982; Devoto, 2006, p. 165-191; Gandolfo, 1992).

⁹ Essa reforma foi patrocinada pelo “Primeiro Congresso Pedagógico Italiano” (1881) para facilitar a inserção dos estudantes no mundo do trabalho e formá-los como cidadãos respeitosos da sua “segunda pátria” (Serrao, 2023). Além disso, em 1884, a lei argentina na Portaria 1.420 do “Educação Comum” estabeleceu a obrigatoriedade dos referidos conteúdos, tanto para as escolas públicas, como para as privadas.

¹⁰ O fenômeno foi consequência do processo de “argentinização” das novas gerações; da concorrência da AIAM com novas instituições que também ofereciam assistência social e de saúde, como sindicatos e partidos de esquerda; o deslocamento de italianos para bairros periféricos com menos AIAMs etc.

¹¹ O processo foi favorecido por diversos fatores, como a expansão do ensino público, a mobilidade social ascendente dos migrantes, a criação do serviço militar obrigatório (1901) e o sufrágio universal masculino (1912).

Além disso, a grave crise econômica nas escolas italianas (ligada à diminuição da renda social das AIAMs) não foi resolvida pelos escassos subsídios em dinheiro e material didático enviados pelo *Ministero degli Affari Esteri* (MAE), que cobria apenas entre 10% e 15% das despesas escolares. Para resolver a crise, em 1911, a *Deputazione scolastica*¹², liderada pelo ministro plenipotenciário Macchi di Cellere, propôs uma série de reformas. Uma delas era centralizar a direção administrativa e didática das escolas e confiá-la à *Pro Schola*, uma instituição educacional criada no mesmo ano, composta por ministro (presidente), cônsul (vice-presidente), membros proeminentes da elite italiana da cidade e representantes das AIAMs. Embora a *Pro Schola* não tenha conseguido deter a crise, o MAE conseguiu transformá-la em uma ferramenta de intervenção política nas escolas italianas que, não por coincidência, uma década depois, seria usada pelo fascismo.

Certamente desde a segunda metade da década de 1920, o regime de Mussolini iniciou uma forte campanha de propaganda na Argentina, que incluiu visitas oficiais e semioficiais, voos transatlânticos, controle da imprensa étnica etc. (Aliano, 2012; Fotia, 2019; Gentile, 1989). Entretanto, com exceção da elite italiana, que registrou maior adesão ao fascismo (Newton, 1995; Scarzanella, 2007), a maioria dos migrantes permaneceu indiferente à propaganda do regime: o *Fascio* de Buenos Aires, por exemplo, nunca conseguiu ultrapassar 4.000 membros; e o *Dopolavoro*¹³, 12.000¹⁴.

Embora o fascismo tenha oferecido elementos para revitalizar o orgulho nacionalista dos italianos, que eram frequentemente discriminados nas sociedades de chegada, em Buenos Aires, as novas gerações tendiam a se sentir mais argentinas do que italianas (Zanatta, 2003, p. 146). Além disso, as discriminações sofridas em países latinos, como na Argentina e no Brasil, não eram comparáveis às profundas tensões étnicas que marcavam a vida dos italianos nos países anglo-saxões; “e isso se reflete numa menor necessidade de usar o fascismo como ‘criador de autoestima’” (Bertonha, 2003, p. 7). Por fim, devemos considerar a influência da tradição secular e republicana de muitas AIAMs em Buenos Aires, bem como a chegada a Buenos Aires de vários ‘párias’ socialistas, comunistas e anarquistas, exilados da Itália durante as décadas de 1920 e 1930 (Bertonha, 1999; Fanesi, 1994). No Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, também chegavam e se estabeleciam tanto os que se identificavam com o fascismo, como os que se posicionavam contra e que, insatisfeitos, migravam.

Nesse contexto, no entanto, a *Pro Schola* rapidamente se alinhou à política externa do Estado italiano, graças a uma reorganização realizada por um novo diretor didático, o maestro calabrês Camillo Ferraro, que chegou a Buenos Aires em 1922 (Ferraro, ASMAE). Embora

¹² A instituição, criada em 1895, era composta por um presidente (o ministro plenipotenciário real italiano), um vice-presidente (o cônsul), um secretário e alguns delegados dos conselhos de instrução da AIAM. A tarefa era ajudar o ministro a garantir o cumprimento dos regulamentos escolares; desenvolver e supervisionar a implementação de programas educacionais italianos; compilar o calendário escolar; preparar a lista de livros escolares para escolas etc.

¹³ A *Opera Nazionale del Dopolavoro* surgiu na Itália, em 1925, para promover a criação e coordenação de instituições capazes de “elevar física e espiritualmente” a população adulta nos tempos livres. O funcionamento das seções no estrangeiro não tinha regimes fixos, mas era adaptado às realidades locais, oferecendo, por exemplo, cursos de formação profissional, ensino da língua italiana, concertos, exibição de filmes, assistência médica, aconselhamento jurídico, colocação, etc. (Guerrini; Pluviano, 1995).

¹⁴ Em 1936, em Buenos Aires, havia 299 mil italianos, sem considerar os descendentes.

Ferraro fosse um simples migrante que não ocupava o cargo de professor do governo¹⁵ ou de professor-agente¹⁶, ele rapidamente se juntou ao Fascio local, assumindo vários cargos de liderança até 1927 (secretário, membro da diretoria etc.) e participando de um *Dopolavoro*. Durante sua gestão educacional (1922-1931), o novo diretor fez mudanças profundas no corpo docente: criou um museu pedagógico e uma biblioteca para professores; introduziu conferências pedagógicas quinzenais para obter uniformidade de métodos e programas didáticos e modificou os currículos, adaptando-os à reforma Gentile (Serrao, 2023). Uma das medidas mais combatidas foi a introdução do crucifixo nas salas de aula, o que, em 1923, fez com que três AIAMs com uma forte tradição secular e democrática, “*Mutualità e Istruzione*”, “*Italia Unita*” e “*Colonia Italiana*”, renunciassem ao subsídio do MAE para evitar a aplicação da disposição.

Quanto aos livros escolares, Ferraro limitou o uso, considerando que “tornou o ensino árido e insuficiente, e tirou do professor a liberdade de contribuir com sua cultura sempre renovada e ampliada para a formação do conhecimento dos alunos, tornando-os escravos de qualquer autor” (Questa, 1924, p. 2). Em vez disso, propôs materiais alternativos, como “projeções das mais belas vistas da Itália, dos nossos monumentos, das nossas indústrias” (Questa, 1924, p. 2), gramofones com discos educativos e patrióticos, a *Vie d'Italia do Touring Club Italiano* e alguns livros elogiados por Lombardo Radice em *Lezioni di didattica e ricordi di esperienza magistrale* (1913), como *Storia dei mille narrata ai giovinetti*, de Giuseppe Abba (1904); ou o clássico *Cuore*, de Amicis (1886). A decisão provavelmente estava relacionada à formação neoidealista de Ferraro e à falta de material didático “atualizado”, já que as remessas do MAE ainda eram muito escassas.

Já em 1929, Ferraro (1929, p. 2) alega que, além do “material alternativo”, algumas escolas usavam livros didáticos, como *Patria lontana*, de A. Bonaiuti, *Italia gente per l'Italia*, de Lelio Fiori, e *Corso di Storia*, de Luigi Cremaschi. Além disso, Ferraro (1927) destacou o uso de bibliotecas escolares, nas quais predominavam livros infantis tradicionais, como *Pinocchio* e *Memorie di un pulcino*, e livros mais contemporâneos, como *Yambo* e *Orvieto*. Ainda, mencionou romances e textos patriótico-militares, como *I Mille* e *La conquista di Libia*, de Parodi, alguns livros estrangeiros, como as fábulas de Charles Perrault ou *I viaggi di Gulliver*, de Jonathan Swift (seria essa a tradução feita por Fanciulli em 1914?) e alguns livros argentinos, como *El Nene* (1895) (Linares, 2002). É importante mencionar que, para esse período, não há registro de qualquer menção aos livros de Fanciulli ou à revista *Aquilotti d'Italia*, editada pelo autor florentino entre 1928 e 1930¹⁷.

De fato, a primeira menção indireta ao trabalho de Fanciulli foi feita pela sucessora de Ferraro, a diretora Silvia Doglia, enviada a Buenos Aires em 1932 pelo MAE, no contexto de um surto na política externa fascista (Cavarocchi, 2010). Em termos gerais, o objetivo de Doglia e dos outros professores do governo italiano que chegaram depois dela era melhorar a qualidade das escolas italianas, atrair mais alunos¹⁸ e reforçar o conteúdo propagandístico da educação italiana.

¹⁵ Professores contratados e enviados pelo MAE para escolas italianas no exterior.

¹⁶ Figura surgida no início do século XX, cujo papel combinava funções educativas e consulares.

¹⁷ A revista, aliás, só contava com um total de 1.000 assinantes no exterior (Ascenzi, 2021, p. 343).

¹⁸ No início da década de 1930 havia apenas 360 alunos.

Por essa mesma razão, uma de suas primeiras medidas foi revisar o material didático do *Pro Schola*, sobre o qual ela alegou: “Todos os alunos recebem cadernos e livros gratuitamente; este último publicado em 1929: seria oportuno enviar a última edição, tanto mais que os inspetores argentinos pedem que nossos textos sejam examinados” (Doglia, 1932, p. 3).

O diretor estava se referindo ao *Letture*, a primeira série completa de livros individuais para escolas italianas no exterior, publicada em 1929 e reimpressa várias vezes até 1943. Os autores da primeira edição foram a professora Clementina Bagagli, que escreveu o livro para o Grau I e um silabário; e Fanciulli, que cuidou dos graus restantes, ou seja, do II ao V¹⁹. No fim de 1933, o pedido de Doglia ao MAE para uma edição atualizada do *Letture* foi finalmente atendido²⁰. No entanto, um caderno escolar do mesmo ano, pertencente à segunda série da escola *Principe Umberto*, no bairro de Villa Luro, sugere que se tratava da edição de 1932-1933, na qual Fanciulli não estava mais envolvido²¹. O caderno, de fato, inclui um desenho feito por um aluno inspirado na capa da edição reescrita por Bagagli, como consta na Figura 3.

Figura 3 – Desenho de um caderno de classe da escola Príncipe Umberto, que coincide com a edição de 1932-1933 de *Letture* classe seconda.



Fonte: Quadro escolar Scuola Principe Umberto, diário, Buenos Aires, 08/10/1933. ASMAE, AS. 1929-1935, b. 778.

¹⁹ Mesmo sem os tons violentos e radicalizados das edições seguintes, a série de 1929, e especialmente os livros para as séries IV e V, já traziam muitos dos temas clássicos dos livros fascistas para escolas italianas no exterior, como a condenação de sua “desnacionalização”, a exaltação do seu papel “civilizador”, o culto ao Duce, etc. (Luatti, 2017; Pretelli, 2012).

²⁰ “Os excelentes livros didáticos, recentemente recebidos do Ministério, foram acolhidos com grande entusiasmo pelos alunos e seus familiares e foram devidamente apreciados por aqueles de nossa comunidade que se interessam por nossas escolas e pelo ambiente educacional argentino” (Goffredo, 1933, p. 2).

²¹ Com exceção do livro de Bagagli, os manuais de 1929 não atenderam às expectativas de Pietro Parini, diretor geral dos *Italiani all'Estero* e *delle Scuole*, na medida em que não eram “formativos do ânimo do novo jovem italiano” (Parini, 1930 *apud* Luatti, 2017, p. 243). Por isso, em 1930-1931, foi publicada uma segunda edição, na qual os livros de Fanciulli foram substancialmente reescritos, exceto o segundo grau, que, de qualquer forma, seria finalmente modificado por Bagagli na terceira edição de 1932-1933.

Quanto às outras publicações de Fanciulli na década de 1930²², a circulação em Buenos Aires parece ter sido limitada. Pode-se notar apenas que *Il Duce del popolo italiano*, publicado pela *Segreteria Generale dei Fasci all'Estero*, em 1928, que estava presente na *Biblioteca Circolante del Littorio* (193?-), p. 10), ou seja, na biblioteca *Fascio* na rua Independencia, n. 2546, e que os dois volumes de *Lecture di religione*²³ estavam presentes nos currículos escolares italianos de 1939 (Consejo Nacional de Educación, 1939, p. 8). Entretanto, apesar de serem em pequeno número, esses livros não passaram despercebidos pelas autoridades argentinas que, em um contexto de “internacionalização” da política argentina e do aumento do nacionalismo local, começaram a temer a “infiltração” de ideologias estrangeiras no sistema educacional nacional (Friedmann, 2009).

Desse modo, os livros e programas apresentados por Doglia, em 1939, que também citavam a série *Lecture*, a *Grammatica italiana illustrata per le scuole all'estero* de D. Giromini e o livro *Bella Italia. Amate sponde* de O. Vergani, foram rejeitados pela *Inspección General de Escuelas Particulares* (IGEP) devido à falta de conteúdo “argentino” e à não conformidade com os regulamentos em vigor, que proibiam as escolas estrangeiras de disseminar ideologias políticas contrárias à Constituição Nacional²⁴.

Ademais, a “seção de didática” do CNE produziu um relatório com um “estudo detalhado e minucioso” (Consejo Nacional de Educación, 1939, p. 25) dos livros escolares italianos, que destacava negativamente seu culto à “*pátria lontana*”, ao fascismo, a Mussolini e ao rei Vittorio Emanuele. A maioria das citações contestadas pelo comitê era de *Lecture* e, em menor escala, de *Grammatica italiana illustrata*. Dizia-se que *Lecture di religione* tratava apenas de “assuntos religiosos” (National Board of Education, 1939, p. 30). Entretanto, as autoridades nacionais não ignoravam o “conceito” que inspirou todos esses livros:

Esses livros, essas leituras, tendem a formar crianças argentinas?

Não.

Eles exaltam a cada passo a grandeza do passado da Itália, as realidades de seu presente e os sonhos do futuro. Eles lembram às crianças em todos os momentos que, mesmo fora da Itália, a pátria é sempre a Itália.

Esses livros são instrumentos que realizam um pensamento intransigente. Seus executores sabem exatamente para onde estão indo e que não é precisamente para educar as crianças argentinas.

Não há uma única alusão à República Argentina em nenhum deles. Pelo contrário, a obra em que servem de instrumento tende a inculcar na criança argentina hábitos ou crenças contrárias aos princípios e preceitos essenciais da Constituição e das leis do país (Consejo Nacional de Educación, 1939, p. 31, tradução das autoras).

²² *I grandi navigatori italiani* (1931), *Canzoncine italiane* (1931), *Inni e Canzoni della Patria Fascista* (1933), etc.

²³ Um para grau II e III e outro para IV e V.

²⁴ ARGENTINA. Decreto do Poder Executivo n°. 40.071 de 08/03/1938 e Conselho Nacional de Educação (CNE). Regulamento das escolas de línguas estrangeiras e religiosas de 28/09/1938.

Como resultado, o CNE decidiu revogar a certificação dos diplomas emitidos pelas escolas italianas, o que levou a protestos da embaixada italiana (Newton, 1995). Apesar disso, as escolas continuaram a funcionar, com exceção do Instituto Médio Ítalo-Argentino²⁵, que foi forçado a fechar devido não apenas ao conflito com o estado argentino, mas também a problemas financeiros. Em 1941, todavia, as escolas italianas foram novamente investigadas, porém, dessa vez, pela Comissão de Investigação de Atividades Antiargentinas, criada por deputados socialistas e “radicais” para combater a propaganda “nazi-fascista”, contrária aos valores democráticos da República (Friedmann, 2009).

Entre agosto e novembro de 1941, a comissão publicou cinco relatórios indicando que, apesar do Decreto n. 31.321, de 1939, que previa a supressão de todas as organizações de língua estrangeira com objetivos políticos e/ou influenciadas ou financiadas do exterior, assim, as “células antiargentinas” continuavam a existir na Argentina. Entre elas estavam as escolas italianas e alemãs (consideradas as mais perigosas), às quais a comissão dedicou o relatório número 4 de 30 de setembro (Congresso Nacional, Câmara de Deputados, 1941).

No que diz respeito às escolas italianas, a Comissão retomou o relatório da “seção didática” de 1939 e sugeriu monitorar seu funcionamento, já que, conforme indicado pelos currículos e livros escolares citados pelo CNE, as escolas italianas exaltavam o fascismo, seus líderes e organizações juvenis. Após a publicação do relatório da Comissão de Investigação, o IGEP exigiu o fechamento das três escolas italianas restantes na cidade (a Escola Modelo, a Príncipe Umberto e a Gabriele d'Annunzio), que fecharam suas portas em 1941.

Em suma, em Buenos Aires, a disseminação da obra de Fanciulli estava intimamente ligada aos esforços do regime para promover o fascismo na comunidade italiana. Os livros do autor florentino chegavam pelos canais consulares, que distribuía apenas uma parte de sua obra, especialmente aquela escrita para escolas italianas no exterior, que tinha um forte tom ideológico. Não é de surpreender, portanto, que, em 1941, as autoridades argentinas tenham usado esses livros como “prova” para solicitar o fechamento das escolas italianas no país.

No contexto brasileiro, em especial no Rio Grande do Sul (RS), a despeito dos esforços para a ampliação do número de escolas italianas entre o fim da década de 1920 e 1930, não houve uma adesão como esperado. Para o Brasil, o interesse se ampliará nos anos 1930, quando “o esforço para a difusão do Fascismo cresceu de maneira notável” (Bertonha, 2001, p. 274). A Sociedade Dante Alighieri deveria despontar como líder da propaganda fascista, contudo, em 1937, contava com apenas 150 inscritos na cidade de São Paulo; consoante Trento (1989, p. 299), “nem mesmo no passado jamais deixara grandes traços de si”. As intensas comemorações do cinquentenário de imigração italiana para o Rio Grande do Sul, em 1925, tiveram tons patrióticos, e alguns usos foram feitos com o intuito de difundir o fascismo.

²⁵ A instituição foi fundada pela *Pro Schola* em 1935, com a esperança de atrair o setor abastado da comunidade italiana. Porém, no primeiro ano, os alunos tinham apenas 7 anos.

A abertura de bibliotecas, salas de leitura, a adesão de alguns jornais, o alinhamento das associações de mútuo socorro, as comemorações de datas cívicas italianas, cursos livres de língua e cultura italiana, enfim, foram diversas as práticas culturais que se revestiram de nuances fascistas. No entanto, para a maioria dos descendentes, a atratividade escolar era pelas escolas públicas que se expandiam, bem como pela significativa presença de instituições educativas confessionais no contexto do RS, em especial na área colonial italiana. O desejado avanço do fascismo ficou restrito, no referido estado, a um grupo pequeno de descendentes e italianos de uma elite nascente.

De certo modo, não houve espaço para a propaganda do fascismo e a constituição de um sentimento de pertença dos pequenos “italianos no exterior”, mesmo que já numa segunda geração nascida no Brasil. A “política da boa vizinhança” tão forte entre autoridades brasileiras e italianas, não impediu o fechamento, em 1938, de todas as 5 escolas italianas que ainda existiam no Rio Grande do Sul. A imposição de legislações de nacionalização e a entrada do Brasil na Segunda Guerra contra os países do Eixo, em 1942, fez com que muitos dos materiais, livros, associações, *os fasci all'estero* e todo um conjunto de práticas culturais subsumisse dos espaços públicos; e aqueles que tinham aderido ou se tornado simpatizantes, foram silenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção e a distribuição de livros de autoria de Giuseppe Fanciulli, para o Brasil e a Argentina, foi considerável – em diferentes títulos, objetivos e com abordagens que se entrelaçaram com os objetivos da difusão das ideias e ideais do fascismo italiano. A disseminação e a relevância, no entanto, quando confrontados com o contexto brasileiro (gaúcho) e argentino (portenho), tornou-se restrito pelo número de pessoas e condições que conseguiu alcançar. Em especial, as escolas italianas, tanto no Rio Grande do Sul, como em Buenos Aires, vinham sendo fechadas; e a frequência de estudantes era cada vez menor.

Assim, cabe observar que, em termos quantitativos, a circulação da obra de Fanciulli foi limitada por vários fatores específicos da realidade de Buenos Aires. Em primeiro lugar, o sucesso limitado das escolas italianas, que não conseguiram, durante o período, ultrapassar 1.000 alunos, nem foram capazes de consolidar uma oferta educacional em nível secundário. Em segundo lugar, a penetração limitada do fascismo na comunidade italiana, que não conseguiu superar a indiferença geral dos migrantes ou aplacar a atividade da minoria antifascista. Esta última, de fato, construiu uma alternativa educacional italiana com orientação democrática, na qual os livros escolares do regime não tinham lugar. Em terceiro lugar, o papel marginal da *Pro Schola* dentro da rede de escolas italianas no exterior, que se refletia nos escassos subsídios enviados pelo MAE. A esse respeito, deve-se mencionar que, no fim da década de 1920, o MAE retirou os subsídios para a *Pro Schola*, interrompendo, assim, o envio de livros escolares.

Entretanto, com a chegada de Doglia, os subsídios foram reativados, embora persistissem as reclamações sobre a falta de materiais didáticos. Em 1935, por exemplo, o cônsul Vincenzo

Tasco (1935, p. 9) disse: “as escolas estão num período de grande atividade e o trabalho deste ano tornou-se mais cansativo e menos rentável devido à falta de livros didáticos, cadernos pautados, boletins, registros, impressos e todo o material solicitado de que estamos sempre esperando ansiosamente”. Na continuidade da análise, é relevante reconhecer a importância de analisar o curso do trabalho de Fanciulli em outras partes da Argentina, onde as escolas italianas apresentaram características e trajetórias diferentes daquelas do caso de Buenos Aires.

No caso gaúcho, o fechamento definitivo das escolas italianas ocorreu em 1938, e as políticas nacionalistas do então presidente Getúlio Vargas passaram a reprimir, de modo mais evidente, a partir de 1942, as publicações e outras práticas culturais que não ocorressem em português. O entrelaçamento entre os interesses e as práticas de disseminação do fascismo não alcançaram um número maior de descendentes, ficando restrito a uma pequena elite que despontava no caso do RS. As inúmeras obras de Fanciulli, para além da distribuição gratuita em bibliotecas, salas de leitura e escolas, da Itália para o Brasil e para a Argentina, também foram comercializadas em livrarias. São aspectos que, na continuidade, ainda merecem aprofundamento e novas análises.

REFERÊNCIAS

ALIANO, David. **Mussolini's national project in Argentina**. Madison: Fairleigh Dickinson University press, 2012.

ASCENZI, Anna. Revistas para a juventude italiana no exterior no vintênio fascista: de Aquilotti d'Italia (1928-1930) a il Tamburino della Gioventù Italiana All'estero (1931-1943). *In* LUCHESE, Terciane Ângela *et al.* (org.). **Migrações e História da Educação: saberes, práticas e instituições, um olhar transnacional**. Caxias do Sul: RS. Educs, 2021, p. 337-355.

ASCENZI, Anna; SANI, Roberto. **Il libro per la scuola tra idealismo e fascismo**. Milano: Vita e Pensiero, 2005.

BAILY, Samuel, SCARLI, Andrea. Las sociedades de ayuda mutua y el desarrollo de una comunidad italiana en Buenos Aires, 1858-1918. **Desarrollo Económico**, v. 21, n. 84, 1982, p. 485-514.

BARAUSSE, Alberto; LUCHESE, Terciane Ângela. Education, ethnic identity, and memory in the Italian ethnic schools of South Rio Grande (1875-1902). **Paedagogica historica**, v. 5, p. 1-16, 2018.

BEMPORAD, Editora. **Edizioni per la Gioventù**. Catalogo da R. Bemporad. Florença: R. Bemporad, 1935.

BERTONHA, João Fábio. Fascismo, antifascismo y las comunidades italianas en Brasil, Argentina y Uruguay una perspectiva comparada. **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, v. 14, n. 42, 1999, p. 111-133

BERTONHA, João Fábio. Italiani nel mondo anglofono, latino e germanico: Diverse prospettive sul fascismo italiano? *Altreitalie*, n. 26, 2003.

BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BERTONI, Lilia Ana. **Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas**: La construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX. México: FCE, 2001.

BIBLIOTECA CIRCOLANTE DEL LITTORIO. Indice. Buenos Aires, [193?].

BOSWORTH. Richard J. **Mussolini, a biografia definitiva**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2023.

CANNISTARO. Philip e ROSOLI, Gianfausto. **Emigrazione, Chiesa e Fascismo**. Lo scioglimento dell'Opera Bonomelli (1922 – 1928). Roma: Edizioni Studium, 1979.

CAVAROCCHI, Francesca. **Avanguardie dello spirito: il fascismo e la propaganda culturale all'estero**. Roma: Carocci, 2010.

CHARNITZKY, Jürgen. **Fascismo e Scuola**. La política scolastica del Regime (1922 – 1943). Florença: La Nuova Italia, 1996.

CHARTIER, Roger. Prefácio. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009b, p. 20.

CHOATE, Mark I. **Italianos no mundo**. Uma nação emigrante. São Paulo: Ed. Contexto, 2023.

CONGRESO NACIONAL, CÁMARA DE DIPUTADOS. Diario de Sesiones, Informe número 4, 30/09/1941, p. 824-950.

CONSEJO NACIONAL DE EDUCACIÓN, Expediente. 15461. Asunto: Da cuenta de los programas de enseñanza del idioma italiano que se imparten en las escuelas dependientes de la asociación italiana “Pro Schola”, 1939. Archivo General de la Nación (AGN), Fondo del Ministerio de Educación.

DEVOTO, Fernando. **Historia de los italianos en Argentina**. Buenos Aires: Biblos, 2006.

DEVOTO, Fernando. La primera élite política italiana de Buenos Aires (1852-1880). *Studi Emigrazione*, n. 94, 1989, p. 168-193.

DOGLIA, Silvia. Prima relazione sulle scuole italiane in Buenos Aires, Buenos Aires 09/05/1932. Archivo Storico del Ministero degli Affari Esteri (ASMAE), Archivo Scuole (A.S) 1927-1935, busta (b.) 778.

FANCIULLI, Giuseppe. **Fedeltà**: romanzo per i ragazzi. Turim: G. B. Paravia & C., 1942.

FANCIULLI, Giuseppe. **Glorie d'Italia**: libro per la gioventù italiana sotto ogni cielo. Prefazione di Piero Parini. Turim: Societa Editrice Internazionale, 1929.

FANCIULLI, Giuseppe. **I nostri ragazzi**. Milano: U. Hoepli, 1937.

FANCIULLI, Giuseppe.. **Lecture di religione**. Classe II e III (per le Scuole Elementari Italiane all'Estero). Vol I. Verona: A. Mondadori, 1932.

FANCIULLI, Giuseppe.. **Lecture di religione**. Classe IV e V (per le Scuole Elementari Italiane all'Estero). Vol II. Verona: A. Mondadori, 1935.

FANCIULLI, Giuseppe. **I grandi navigatori italiani**. Roma: Libreria dello Stato, 1931.

FANESI, P. **El exilio antifascista en la Argentina**. Buenos Aires: CEAL, 1994.

FAVERO, Luigi. Le scuole delle Società Italiane di Mutuo Soccorso in Argentina 1866-1914. **Studi Emigrazione**, n. 75, 1984, p. 343-380.

FERRARO, Camillo. ASMAE, AS. 1920-1955, Fascicoli personale docente estero non più in servizio, b. 231.

FERRARO, Camillo. Relazione annuale del direttore con dati statistici, Buenos Aires, 1927. ASMAE, AS. 1929-1935, b. 778.

FERRARO, Camillo. Relazione didattica, Buenos Aires, 1929. (Allegato "C"), Buenos Aires, 1929. ASMAE, AS. 1929-1935, b. 778.

FOTIA, Laura. **Diplomazia culturale e propaganda attraverso l'Atlantico: Argentina e Italia (1923-1940)**. Firenze: Le Monnier, 2019.

FREIDMANN, Germán. Il discurso nacionalsocialista en la Argentina frente a la "infiltración nazi". **Prohistoria**, XXII, n. 32, 2009, p. 131-154.

FREIDMANN, Germán. La política guerrera. La investigación de las actividades anti argentinas. In BERTONI, Liliana y DE PRIVITELLIO, Luciano. (coord.). **Conflictos en democracia**. La política en la Argentina, 1852-1943. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009, p. 191-212.

GALFRÉ, Mónica. **Il regime degli editori: libri, scuola e fascismo**. Roma – Bari, Italia: Laterza, 2005.

GAUDIO, Angelo. **Scuola, Chiesa e Fascismo**. La scuola cattolica in Italia durante il fascismo (1922 – 1943). Brescia: La Scuola, 1995.

GENTILE, Emilio. Emigración e italianidad en Argentina en los mitos de potencia del nacionalismo y del fascismo (1900-1930). **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, n.2, 1986 p. 143-180.

GERA, Bianca. (coord.). **Un insegnamento per tutti: Centocinquat'anni di mutua istruzione nelle Società operaie piemontesi**. Torino: Centro di Studi piemontesi, 2000.

GIANCANE, D.. **Giuseppe Franciulli maestro della letteratura per l'infanzia**. Una monografia. Bari: Levante Editori, 1994.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**. O fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: ParLenda editora, 1994.

GOFFREDO, M. Lettera del Regio Consolato Generale d'Italia in Buenos Aires al MAE, Buenos Aires, 18/10/1933. ASMAE, AS. 1927-1935, b. 778.

Guerrini, I., Pluviano, M. L'Opera Nazionale Dopolavoro in Sud America, 1926-1941. **Studi Emigrazione**, n. 119, 1995, pp. 518-536.

JORNAL A GAZETA. Dirigido por Pedro da Motta Lima. Ano XXV. Edição de quarta-feira, 03/12/1930, nº 7.446, p.12.

JORNAL LA STAFFETTA RIOGRANDENSE – settimanale cattolico della colonia. Editado em Garibaldi/RS.

LINARES, Maria Cristina. Nacimiento y trayectoria de una nueva generación de libros de lectura escolar: “El Nene” (1895-1956). In CUCUZZA Héctor Rubén, PINEAU, Pablo. (coord.) **Para una historia de la enseñanza de la lectura y la escritura en Argentina**. Del catecismo colonial a La Razón de mi vida. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2002, p. 177- 212.

LUATTI, Lorenzo. **L'emigrazione nei libri di scuola per l'Italia e per gli italiani all'estero**. Ideologie, pedagogie, rappresentazioni, cronache editoriali. Roma: Fondazione Migrantes, 2017.

LUCHESE Terciane Ângela. Em busca da escola pública: tensionamentos, iniciativas e processo de escolarização na Região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul, Brasil. In: **Cadernos de História da Educação**. V. 11, nº 2, jul/dez. 2012, p. 667 – 679.

LUCHESE, Terciane Ângela. (org.). **História da Escola para imigrantes italianos e descendentes em terras brasileiras**. Caxias do Sul: EDUCS, 2014.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015.

LUCHESE, Terciane Ângela.; BARAUSSE, Alberto; SANI, Roberto; ASCENZI, Anna (Org.). **Migrações e História da Educação: saberes, práticas e instituições, um olhar transnacional**. 1. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2021.

LUCHESE, Terciane Ângela. ‘E não nos deixeis cair em tentação’: livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX). **Caderno de História da Educação**. Uberlândia, v. 18, n. 2, p. 368-385, maio 2019.

MARENGO, Roberto. Estructuración y consolidación del poder normalizador: el Consejo Nacional de Educación. In PUIGGRÓS, Adriana. (coord.). **Historia de la educación en la Argentina**. Sociedad civil y estado en los orígenes del sistema educativo argentino. Buenos Aires: Galerna, 1991, p. 71-177.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole italiane all'estero: governative e sussidiate**. Roma: Tipografia del Ministero degli Affari Esteri, 1908.

MONTINO, Davide. **Le tre Italie di Giuseppe Fanciulli**. Educação e literatura infantil nel primo Novecento. Torino, Italia: SEI Frontiere, 2009.

NEWTON, Ronald. El fascismo y la colectividad ítalo-argentina, 1922-1945. **Ciclos**, v. 5, n. 9, 1995, p. 3-30.

PARLAGRECO, Carlo. Le Scuole Italiane. In: Fanciulli.. **Il Brasile e gli italiani**. Firenze: R. Bemporad & Figlio, 1906, p. 796 – 810.

PRETELLI, Matteo. Over the Borders of the Mother Land: Fascist Textbooks for Italian Schools Abroad. In DECLERCQ, Elie. *et al.* (coord.). **Migration and Intercultural Identities in relation to Border Regions (19th and 20th centuries)**. Bruxelles: Peter Lang, 2012, p. 97-112.

QUESTA, Luigi. L'associazione Pro Schola nel suo significato puramente morale e spirituale, 1924. In Rassegna e Allegati Del Comitato Bonaerense Della Dante Alighieri. ASMAE, AS. 1923-1928, b. 634.

SALE, Giovanni. **La Chiesa di Mussolini**. I rapporti tra fascismo e religione. Milano: Rizzoli, 2011.

SALVETTI, Patrizia. Le scuole italiane all'estero. In: Bevilacqua Piero; De Clementi, Andreina e Franzina, Emilio (orgs.). **Storia Dell'Emigrazione Italiana**. II Arrivi. Roma, Italia: Donzelli Editore, 2009.

SANI, Roberto. **'La Civiltà Cattolica' e la politica italiana nel secondo dopoguerra (1945 – 1958)**. Milano: Vita e Pensiero, 2004.

SCARZANELLA, Eugenia. El fascismo italiano en la Argentina: al servicio de los negocios. In: SACARZANELLA, Eugenia (coord.). **Fascistas en América del Sur**. Buenos Aires: FCE, 2007, p. 167-248.

SERRAO, Paula Alejandra. Echi della riforma Gentile in Argentina. **Nuova Secondaria Ricerca**, n. 10, a. XL, 2023, p. 211-223.

STAFETTA RIOGRANDENSE. Settimanale Cattolico. Ano XVIII, n° 21. Garibaldi, Rio Grande do Sul, 29/09/1926, p. 02.

TASCO, Vincenzo. Lettera al MAE in aggiunta alla prima relazione trimestrale (marzo, aprile e maggio) di Silvia Doglia, Buenos Aires 14/06/1935. ASMAE, AS. 1929-1935, b. 778.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

VALDUGA, Gustavo. **Paz, Itália, Jesus**. Uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930 – 1945). 205fl. Porto Alegre: PUC/RS, 2007. (Dissertação em História).

ZANATTA, Loris. I fasci in Argentina negli anni Trenta. *In*: FRANZINA, Emilio, SANFILIPPO, Matteo (coord.). **Il fascismo e gli emigrati**. La parabola dei fasci italiani all'estero, 1920-1943. Roma: Laterza, 2003, p. 140-151.

Recebido em: 14 de julho de 2024

Aprovado em: 09 de setembro de 2024